

# Procopio Ferreira de Camargo, uma inteligência aguda e pouco comum

CMP 1.2.3.54

**SEVERO GOMES**

Especial para a Folha

Manuel Bandeira, escrevendo a respeito de Zeca Patrocínio, filho de José do Patrocínio, fez uma aguda distinção: as pessoas dotadas de inteligência incomum, mas incapazes para a gerência de tais dotes e, na outra ponta, as inteligências medíocres, mas associadas à eficácia na administração e no marketing do seu pequeno acervo intelectual.

Zeca Patrocínio pertencia à primeira categoria. Os seus melhores momentos ficaram na memória dos contemporâneos, ou se perderam no éter. Na segunda, as inteligências cartoriais que podem responder à repetitiva pergunta: por que é que fulano de tal está na Academia Brasileira de Letras?

Por aí, começo a falar de Candido Procopio Davidoff Ferreira de Camargo. Conheci-o desde os primeiros dias da adolescência. Naquele tempo ele vivia um movimento pendular, —como Santo Agostinho— entre o misticismo e as aulas de dança de Madame Possas Leitão. Aprendeu com mestria o tango, o fox-trot e o lambeth-walk.

Mesmo desfarçando a vida inteira, nunca saiu da mão de Deus. Só não entrou precocemente para o convento porque o pai pediu que terminasse o

curso universitário. Entendia o coronel Ageo (Guarda Nacional) que ele deveria entrar para a Igreja com cacife, já formado em Direito e Filosofia.

Foi assim que se tornou dominicano, com o nome de frei Clemente, ao tempo em que eram o mestre de noviços frei Domingos Maia Leite e o submestre frei Benevenuto de Santa Cruz. Continuo a escrever com o mágico sentimento de quem fala de pessoas que estiveram por perto nos melhores e nos piores dias da vida. Eles queriam santificar o profano. Não durou muito, e frei Clemente voltou a ser Procopio.

Convivemos na escola, nas ruas, andamos em lombo de burro pelos espigões das serras do Mar e da Mantiqueira, e fizemos exames de consciência nos botequins.

Em sua casa, conheci há mais de vinte anos Octavio Ianni, Ruth e Fernando Henrique Cardoso, Carmen Junqueira, Melanie e Paul Singer, Abel Barros Lima e Beatriz Munis e Souza. Brincamos, bebemos e cultivamos a irreverência, com aquele fermento da irresponsabilidade que anuncia as primaveras da alma.

No começo do governo Geisel, quando a extrema direita desafiava o poder, com o recrudescimento das torturas e os assassinios, Procopio se comunicava quase diariamente co-

migo, informando sobre as prisões e violências. Foi a sua arriscada missão que me permitiu informar e pedir providências ao presidente da República para os que estavam caindo nas garras do DOI-Codi como Francisco de Oliveira, Paul Singer, Frederico Mazzuchelli e tantos outros.

Mas voltemos para o começo desta crônica. Procopio foi dotado de agudíssima inteligência. Torturou-se entre a Escolástica e o Marxismo, mas os estoícos deitavam e rolavam no seu subconsciente. O seu espírito crítico e a requintada ironia tornaram difícil o marketing da inteligência.

Teve uma longa vida acadêmica, como professor na USP, na PUC de Campinas e na antiga Escola Livre de Sociologia e Política. Foi pesquisador do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e deixa uma importante obra publicada. Nada obstante, a sua criativa vida acadêmica não guarda relação com a inteligência e o saber do descuidado administrador de si mesmo.

O que melhor pensou está na memória dos que com ele conviviam, ou no éter. Deixou-nos na noite do dia 23. Como disse Eucrito: "Se a sala está enfumaçada, eu saio".

Folha de São Paulo

26-I-1987